

Última chance

Por Jeffrey D. Sachs

Valor Econômico, 2.6.2014

Temos tecnologia para avançar e fazer as mudanças necessárias. Mas o controle da mudança climática é um imperativo moral e uma necessidade prática importante demais para ser deixada aos políticos, às grandes produtoras de petróleo e aos seus propagandistas da mídia.

A humanidade quase esgotou totalmente o tempo de que dispõe para enfrentar a mudança climática. Os cientistas destacaram que uma alta da temperatura de 2° Celsius acima dos níveis pré-industriais colocará a Terra em território perigoso, desconhecido. No entanto estamos atualmente no caminho rumo a um aumento de 4° ou mais neste século. A última chance para uma tomada de atitude chegou.

Essa chance está em Paris, em dezembro de 2015, quando os governos mundiais se reunirem para o 21º encontro anual da ONU sobre mudança climática. Mas desta vez será diferente. Ou os governos pactuarão a adoção de medidas decisivas, conforme prometeram, ou 2015 será lembrado como o ano em que deixamos escapar o equilíbrio climático por entre os dedos.

Em 1992 os governos mundiais adotaram a Convenção Quadro da ONU sobre Mudança do Clima, prometendo evitar "perigosa interferência antropogênica no sistema climático" por meio da redução da taxa de emissões de gases do efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono (CO₂). Mas, embora o tratado tenha entrado em vigor em 1994, a taxa de emissões de gases- estufa, entre os quais o CO₂, na realidade aumentou.

Em 1992, a combustão mundial de carvão, petróleo e gás, mais a produção de cimento, liberou 22,6 bilhões de toneladas de CO₂ na atmosfera. Em 2012 o ano mais recente para o qual se dispõe de dados comparáveis, as emissões foram de 34,5 bilhões de toneladas. A humanidade acelerou, em vez de controlar, a mudança climática induzida pelo homem.

Essa é, atualmente, a maior questão moral do nosso tempo. O uso mundial de combustíveis fósseis ameaça gravemente os pobres, que são os mais vulneráveis à mudança climática (embora os ricos sejam sua principal causa), e as gerações futuras, que herdarão um planeta tornado inabitável em muitos lugares, com o abastecimento de alimentos sujeito a enormes abalos.

Estamos causando esse dano numa era em que os avanços tecnológicos revolucionários possibilitam ao mundo mudar dos perigosos combustíveis fósseis para fontes de energia de baixo carbono, como a eólica, a solar, a nuclear e a hídrica, e reduzir o impacto dos combustíveis fósseis por meio do uso da tecnologia de captura e armazenagem de carbono (CCS, nas iniciais em inglês). O papa Francisco recentemente situou a questão da forma mais precisa: "Salvaguardemos a Criação", disse. "Porque, se destruímos a Criação, a Criação nos destruirá! Nunca se esqueçam disso!"

Mas, para os muitos interesses poderosos, a mudança climática continua sendo um jogo cujo objetivo é retardar a tomada de medidas o mais possível. As colossais companhias de combustíveis fósseis continuaram a fazer lobby nos

bastidores contra a mudança para a energia de baixo carbono, e usaram seu enorme patrimônio para comprar cobertura da mídia que visa semear a confusão. O império de mídia de Rupert Murdoch nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e outros países se destaca como desempenhante de um papel especialmente cínico e prejudicial na disseminação de propaganda anticientífica.

Mesmo assim, a política da mudança climática pode estar mudando para melhor - mudança refletida na contundente mensagem do papa. Seguem-se seis motivos pelos quais o impasse poderá chegar ao fim em breve.

Primeiro, o mundo está acordando para a calamidade que estamos causando. Embora a máquina de propaganda de Murdoch desove um fluxo diário de falsidades anticientíficas, a opinião pública também observa a existência de secas prolongadas (atualmente em partes de Brasil, Califórnia e Sudeste Asiático, para citar uns poucos lugares), enormes enchentes (recentemente na Bósnia e na Sérvia) e ondas de calor letais (em muitas partes do mundo).

Segundo, os cidadãos do mundo não querem sucumbir em chamas. A opinião pública conseguiu, até agora, bloquear a construção do Oleoduto Keystone XL, que aceleraria a produção das areias betuminosas do Canadá - uma perspectiva chocante, já que nem o Canadá nem os Estados Unidos jamais se comprometeram com um plano climático.

Terceiro, choques climáticos mais graves podem estar pela frente. Este ano poderá se mostrar como um ano relevante para o fenômeno El Niño, quando as águas do Pacífico Oriental se aquecem e criam turbulências climáticas mundiais. Uma grande manifestação atual do El Niño seria ainda mais perigosa que o normal, porque aumentaria a tendência geral ascendente das temperaturas mundiais. Na verdade, muitos cientistas acreditam que um grande El Niño pode tornar 2015 o ano mais quente da história da Terra.

Quarto, tanto os EUA quanto a China, os dois maiores emissores de CO₂, estão finalmente começando a encarar o assunto com seriedade. O governo do presidente Barack Obama tenta deter a construção de novas centrais elétricas a combustão de carvão, caso elas não sejam equipadas com a tecnologia CCS. A China, de sua parte, compreendeu que sua grande dependência do carvão gera uma poluição e uma névoa tão devastadoras que está causando enorme perda de vidas, uma vez que a expectativa de vida recuou não menos que cinco anos em regiões com intensivo consumo de carvão.

Quinto, as negociações de Paris finalmente começam a atrair a atenção mundial tanto da opinião pública quanto dos dirigentes mundiais. O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, defendeu a presença dos líderes políticos na reunião de cúpula especial marcada para setembro deste ano, 14 meses antes do encontro de Paris, para abrir negociações intensivas. A rede especializada da ONU que eu dirijo, a Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável (UM SDSN, nas iniciais em inglês) vai publicar em julho um relatório sobre como cada uma das principais economias pode descarbonizar o sistema energético com sucesso.

Finalmente, os avanços tecnológicos em sistemas energéticos de baixo carbono, entre os quais as células fotovoltaicas, os veículos elétricos, o CCS e a energia nuclear de quarta geração, com características de segurança grandemente ampliadas, ajudam a fazer a transição para uma energia de baixo custo, de baixo

carbono tecnologicamente realista, com enormes benefícios para a saúde humana e a segurança planetária.

A partir do trimestre atual, a encerrar-se em junho, o UN SDSN criará uma plataforma para que todos os cidadãos do mundo participem da árdua tarefa de salvar o planeta. O SDSN oferecerá um curso on-line gratuito de introdução à mudança climática e hospedará em seguida uma "negociação" global on-line de um acordo climático mundial.

Esperamos que centenas de milhares, talvez de milhões de cidadãos interessados do mundo inteiro participem on-line, mostrando o caminho para os políticos. O controle da mudança climática é um imperativo moral e uma necessidade prática importante demais para ser deixada aos políticos, às grandes produtoras de petróleo e aos seus propagandistas da mídia. **(Tradução de Rachel Warszawski)**